

# O ciberespaço e a investigação emergente: uma visão transepistêmica e transdialógica a partir da transcomplexidade

## Optimizing Comprehensive Care: Current Approaches to Pedagogical Didactics for Students with Special Educational Needs



Gregth Raynell Hernández Buenaño\*\*  
<https://orcid.org/0009-0002-2834-6268>  
Barcelona / España

**Recebido:** Abril / 3 / 2024 **Revisado:** Abril / 6 / 2024 **Aprovado:** Maio / 17 / 2024

Como citar: Hernández, B. G. R.(2024). O ciberespaço e a pesquisa emergente: uma visão transepistêmica e transdialógica a partir da transcomplexidade. *Revista Digital de Investigación y Postgrado*, 5(10), 233-246.

\* Doutor em Educação, Universidade Católica Andrés Bello, Caracas - Venezuela. Metropolitan International University. Diretor de Assuntos Acadêmicos. Email: gregthhernandez@gmail.com



## Resumo

Este escrito analisa o ciberespaço como um cenário de pesquisa emergente a partir da trans-complexidade, explorando a migração do homem para a digitalidade e as possibilidades de transcender os esquemas tradicionais de pesquisa. Através de uma revisão exaustiva da literatura, identificam-se conceitos e teorias relacionados com o ciberespaço, a transcomplexidade e a pesquisa social. Os resultados sugerem que o ciberespaço configura uma cosmovisão integradora e profusa mediante a conectividade, interatividade e imediaticidade. A partir da trans-complexidade, permite atividades investigativas que desafiam a cartografia epistêmica clássica, desapegando-se de estruturas gnoseológicas, metodológicas e teleológicas convencionais. O estado da arte emergente configura-se como uma expressão de liberdade e consciência que incorpora dimensões ontológicas, epistêmicas, praxeológicas, tecnológicas, metodológicas, axiológicas e ecológicas. Assim, o ciberespaço apresenta-se como um cenário de pesquisa transdisciplinar e transmetódico, que desafia os esquemas tradicionais e promove uma narrativa consciente e inconclusa.

**Palabras clave:** Ciberespaço, Transcomplexidade, Pesquisa Social, Migração paradigmática, Estado da arte emergente.

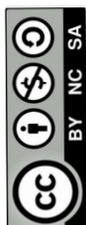
## Resumen

Este escrito analiza el ciberespacio como un escenario de investigación emergente desde la transcomplejidad, explorando la migración del hombre hacia la digitalidad y las posibilidades de trascender los esquemas tradicionales de investigación. A través de una revisión exhaustiva de la literatura, se identifican conceptos y teorías relacionados con el ciberespacio, la transcomplejidad y la investigación social. Los resultados sugieren que el ciberespacio configura una cosmovisión integradora y profusa mediante la conectividad, interactividad e inmediatez. Desde la transcomplejidad, permite actividades investigativas que desafían la cartografía epistémica clásica, desapegándose de estructuras gnoseológicas, metodológicas y teleológicas convencionales. El estado del arte emergente se configura como una expresión de libertad y conciencia que incorpora dimensiones ontológicas, epistémicas, praxeológicas, tecnológicas, metodológicas, axiológicas y ecológicas. Así, el ciberespacio se presenta como un escenario de investigación transdisciplinario y transmetódico, que desafía los esquemas tradicionales y promueve una narrativa consciente e inconclusa.

**Palabras-chave:** Ciberespacio, Transcomplejidad, Investigación Social, Migración paradigmática, estado del arte emergente.

## Introdução

A natureza da sociedade é dinâmica e flexível, refletindo a busca do homem por compreender seu entorno e transformá-lo através de diferentes posturas paradigmáticas, dentre as quais a tecnologia se destaca. A contemporaneidade, sob o conceito do ciberespaço, mergulha no



halo da intangibilidade, interatividade e interconectividade, onde diferentes atividades se entrelaçam e se imergem na digitalidade, um estado que, a partir de uma transição paradigmática, promove um tecido cultural divergente, profuso e significativo, que supera o enfoque clássico e instrumental imerso na causalidade linear, próprio da linearidade positivista, e induz novas percepções associadas à construção do Estado da Arte, repercutindo na visão do ser desde uma postura metacomplexa.

Nesse sentido, o propósito deste escrito é refletir sobre o percurso paradigmático em que o homem tem incursionado em seu caminho para a digitalidade, e a influência da transcomplexidade, que sustenta um intercâmbio paradigmático, permitindo vislumbrar o ciberespaço como um cenário investigativo que ressignifica a cotidianidade e possibilita transcender os credos paradigmáticos convencionais.

Partindo do descrito, este escrito se divide em duas partes: a primeira, intitulada "O homem na digitalidade", pretende oferecer uma visão reflexiva e filosófica da relação homem-tecnologia em seu caminho para a digitalidade. Por outro lado, a segunda parte, denominada "Visão transparadigmática do ciberespaço e o desenvolvimento investigativo", centra-se em expor o ciberespaço como um espaço de pesquisa emergente, oferecendo ao pesquisador social uma ótica caleidoscópica para estudar a sociedade a partir de um discurso transdialógico e transepistêmico, alternativo ao discurso especular imperante em algumas comunidades acadêmicas, permitindo a construção de um estado da arte emergente, flexível e aberto.

### **O homem na digitalidade**

Atualmente, fica evidente a importância que a internet possui na cotidianidade, intervindo de forma indireta e/ou direta nos processos em que o homem e a sociedade se desenvolvem. Segundo Hernández (2020), celulares, computadores, tablets, refrigeradores e fornos micro-ondas são alguns dos dispositivos que foram reestruturados para aproveitar as vantagens e implicações da internet, em uma tentativa de se manterem relevantes em uma sociedade onde a conectividade e a interatividade introduzem novas formas de repensar e se envolver na cotidianidade.

Para isso, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) se transformaram em uma ponte entre tecnologias clássicas e avançadas, estas últimas, apelidadas de inteligentes e/ou digitais, buscam se distinguir das analógicas por estarem associadas a conceitos como: conectividade, interação, imediaticidade e interdependência. Resumindo o descrito, em expressões tecnológicas, elas representam inovação, criatividade e inventividade. Da mesma forma, expressam naturalmente os processos de mudança e transformação da atividade humana. Nesse sentido, a tecnologia constitui uma via para mudar o entorno e proporcionar uma nova lente para perceber a cotidianidade. Desta maneira, a tecnologia não representa apenas um objeto, mas também exemplifica o pensamento do homem e sua capacidade de reedificar continuamente a realidade.

O descrito indica que a tecnologia em si representa um paradigma, pois, como assinala Pérez (2009), um paradigma está intimamente relacionado com mudanças, transformações e transi-



ções, associadas a formas de pensar, agir e investigar, mudando uma situação imperativa para vários cenários que, de forma individual ou coletiva, contribuem para gerar uma metamorfose do *complexus social*. A tecnologia, como paradigma, não é única; pelo contrário, possui múltiplas óticas para vislumbrar suas possibilidades e implicações.

Nesse contexto, o desenvolvimento societal é produto de uma relação dialógica entre diferentes paradigmas, sendo um deles a tecnologia, fato que deu origem a diferentes transições e interpretações. A tecnologia, como uma nova forma de pensamento, representa a mudança paradigmática desde a recursividade e a dialógica. Em outras palavras, o surgimento de uma tecnologia não representa o detrimento de sua predecessora; pelo contrário, integra em seu tecido características de sua antecessora e estabelece hibridações para integrar outros paradigmas tecnológicos, ampliando seu alcance e resposta na sociedade em um continuum reflexivo e sinérgico. Desta maneira, a mudança tecnológica se vislumbra como uma transição paradigmática, evidenciando como o homem, através da tecnologia, se coloca em uma relação que rompe com a causalidade linear associada ao positivismo, permitindo um estado de mudança, flexibilidade e pertinência, estabelecendo outras formas de complementaridade entre diferentes enfoques e efetuando uma abordagem complexa da realidade fenomênica.

Essas transições implicam migrações, mas não em termos físicos, e sim paradigmáticos, para aproximar o indivíduo a novas interpretações epistêmicas e induzir um estado de consciência. Para isso, a migração paradigmática é cunhada por Hernández (2020) como uma relação dialética entre o homem e seu entorno, onde um indivíduo reflete sobre um paradigma e o introduz em seu entrelaçado paradigmático ou cosmovisão pessoal, resultando em novas ressignificações para adentrar na cotidianidade, ampliando sua consciência frente ao cosmos circundante, adentrando em múltiplas estruturas transparadigmáticas ou cosmovisões.

O telos da migração paradigmática é um processo pessoal, reflexivo e aberto, onde o indivíduo decide se é conveniente refletir e integrar um determinado paradigma em seu arcabouço. A esse respeito, o critério de compatibilidade, como indica Hernández (2020), refere-se à afinidade de ideias, ações e pensamentos que um paradigma ou tecnologia representa. Sua aceitação ou rejeição varia de acordo com o arcabouço paradigmático do indivíduo, portanto, não existe uma via ou momento concreto para transitar entre paradigmas, pois isso se desenvolve de acordo com seus interesses, disponibilidade, estilo de vida, ou seja, sua cotidianidade.

É preciso mencionar que o telos migratório nunca conclui, pois parte da reflexividade, aprendizagem e integração constante de posturas epistêmicas, para gerar um estado de consciência que aponte para uma visão transparadigmática e induza a um estado da arte emergente. Por isso, a migração paradigmática pode ser sinônimo de desapego, liberdade e desobediência, pois envolve um trânsito entre diversas formas de pensamento, evitando o apego ou construção de uma zona de conforto, que pode diminuir a abertura do homem ao mundo.

O descrito indica que o tecido societal, a partir do paradigma tecnológico, está em constante trânsito e não possui um ponto de fechamento, apenas diminui ou aumenta sua velocidade de



mudança e transformação de acordo com suas possibilidades e interesses. Sob essa perspectiva, o homem tem transitado por diversas tecnologias, ou seja, paradigmas para reestruturar o complexus societal. Um autor que descreve essa relação é Toffler (1980) que, sob o conceito de "Onda", simboliza a transição da humanidade em diferentes etapas, onde a tecnologia como paradigma tem sido um evento chave para gerar disruptões significativas no desenvolvimento social, configurando novas cosmovisões no processo e marcando um antes e um depois.

A Onda de Toffler representa uma acumulação e integração paradigmática que oferece uma visão entrelaçada e complexa da realidade que, visualizada desde a transcomplexidade, induz a uma cosmovisão profunda e reflexiva, detonante de mudanças ontoepistêmicas significativas que redefinem o tecido societal. Desde essa posição, existem três Ondas, ou seja, cenários multiparadigmáticos. A primeira Onda refere-se à mudança entre tecnologias cinegéticas e agrárias, dando origem ao homem agrícola e aos primeiros assentamentos. A segunda Onda refere-se à revolução industrial, ao surgimento do maquinismo e aos primeiros indícios da automação moderna. Enquanto isso, a terceira Onda representa a sociedade pós-industrial, onde as TIC têm ressignificado a atualidade e induzido novas percepções, fruto da interconectividade.

Desde a Migração Paradigmática, as Ondas de Toffler evidenciam duas situações. A primeira alude que a presença de um paradigma ou tecnologia não simboliza a adoção universal deste por toda a sociedade, dando lugar a uma relação dialógica entre o paradigma atual e seu predecessor. A segunda aponta que, apesar do aporte e importância de um paradigma emergente, ele não representa uma resposta conclusiva. Portanto, a migração paradigmática se remete a estabelecer um estado de consciência e convivência entre paradigmas novos e antigos, garantindo a abertura do indivíduo frente a diferentes possibilidades paradigmáticas.

Nesse sentido, o exposto permite dilucidar a convivência entre tecnologias geracionais, que, de acordo com o arcabouço e a abertura paradigmática, se mantêm na cotidianidade do indivíduo. Atualmente, a convivência entre tecnologias analógicas e digitais faz parte do desenvolvimento da terceira Onda, que, desde a introdução do computador e do software que ressignifica a intangibilidade, e sob o conceito de virtualidade, inicia a simulação de processos e/ou atividades, estabelecendo pontes entre o presencial e o digital. A virtualidade, segundo Hernández (2020), é uma representação dialógica entre o presencial e o digital, encarregando-se de emular a presencialidade ao recriar atividades continuamente, ajustando a experiência percebida do homem frente à sua contraparte física.

A virtualidade, nesse sentido, representa uma estrutura hologramática, pois busca compreender e interpretar a presencialidade a partir do todo e suas partes. Desde o pensamento complexo, de acordo com Morin (1995), é uma forma de compreender os fenômenos e analisar como o todo está presente em cada uma das partes e vice-versa. Os códigos informáticos proporcionam as condições para que nenhuma parte seja desconsiderada, podendo emular a maioria dos componentes da presencialidade.

Assim, a virtualidade simboliza uma autopoiese, ou seja, uma reestruturação constante e integrativa



de diferentes posturas paradigmáticas da presencialidade, de acordo com as capacidades informáticas. Essas posturas são orientadas a oferecer uma percepção profusa e interativa da realidade, implicando uma representação multiparadigmática que aponta para uma visão transparadigmática.

O mencionado envolve um ciclo metanoico baseado na auto-organização que sugere uma contínua construção, desconstrução e reconstrução, com a intenção de renovar e ampliar a visão transparadigmática e significativa do homem em relação à virtualidade e às opções que ela oferece. Nesse sentido, a virtualidade sustenta uma natureza dialógica, recursiva e integradora que a separa do discurso especular e da causalidade da epistemologia positivista, regulando-se em um continuum multiepistêmico, concebendo uma cosmovisão reflexiva e integradora, tal como constitui o ciberespaço.

O ciberespaço é uma resposta da virtualidade em seus esforços para ressignificar a intangibilidade e se apropriar de posturas teóricas provenientes da presencialidade. Segundo Vilches (2002), ele se representa como um cenário transcendente aos conceitos espaço-temporais, não possuindo centro nem periferia, e representa um contexto que possibilita o desenvolvimento de atividades econômicas, políticas e sociais, sem as limitações tradicionais da presencialidade. Visto desta forma, o ciberespaço é um cenário que se alimenta continuamente da virtualidade e proporciona canais para facilitar a comunicação e o intercâmbio entre usuários e suas estruturas paradigmáticas, representando uma variedade de formas de agir, pensar e expressar-se, fomentando diversas reinterpretações fenomênicas que dão origem a uma identidade que transcende as posturas epistêmicas e disciplinares que a constituem, edificando um conceito recursivo e integrador como é a digitalidade.

A digitalidade é uma representação multifenômica proveniente do ciberespaço que, além de apresentar uma cultura derivada da presencialidade através da virtualidade, se configura como um paradigma integrador e recursivo que descreve as atividades comerciais, políticas e culturais, e interpreta as ideias, pensamentos e representações emergentes. Em outras palavras, refere-se a um entrelaçamento societal que possui efeitos sobre a presencialidade, virtualidade e em si mesmo, que, de acordo com Negroponete (1995), mantém uma linguagem comum, entendimento intercultural, conteúdos multimídia, redes sociais, ofícios, profissões emergentes e modelos econômicos e políticos, que situam a internet como epicentro da cotidianidade, tendo como bases a conectividade e interatividade para garantir o acesso, troca e comunicação.

### **Uma visão transparadigmática do ciberespaço e o desenvolvimento investigativo**

O caminho para a digitalidade demonstra que o diálogo homem-tecnologia tem transitado por diferentes modelos epistêmicos e representações paradigmáticas. A chegada do homem ao ciberespaço é uma integração de múltiplos paradigmas que se configuram em uma cosmovisão em permanente construção, sustentando um tecido entre o certo e o incerto, que envolve novos matizes para vislumbrar a sociedade e os processos que nela se contemplam, incluindo a pesquisa. Para isso, a digitalidade se transforma em um eixo que permite conectar todos os paradigmas que ali convergem, constituindo uma identidade transparadigmática.



A digitalidade, nesse sentido, representa uma oportunidade para fundar novas percepções sobre a forma como a sociedade se desenvolve e como a pesquisa social é erigida. O tecido societal, com a presença do ciberespaço, caracteriza-se por promover um cidadão que se mantém em constante conexão, adentrando-se em um cosmos multicultural, onde não se limita a obter e/ou produzir conhecimento associado ao seu contexto imediato, mantendo assim uma visão multirreferencial que transcende suas barreiras físicas e promove um pensamento que desdobra fronteiras e induz uma visão sem limitações tradicionais.

Para o pesquisador social, o ciberespaço é uma forma de expressão, convergência e reflexão, oferecendo aos seus usuários a oportunidade de expor seus paradigmas a partir de diferentes latitudes e integrar suas ideias e pensamentos em um nível superior, envolvendo um discurso reflexivo e integrador que não desconsidera sua localidade, mas considera aspectos inerentes à educação planetária descrita por Morin, promovendo uma postura glocal, ou seja, um equilíbrio entre o global e o local. Esta relação não busca gerar uma teoria absoluta, mas sim buscar realidades relativas que destacam a ambiguidade fundamental de todo ser humano.

O exposto aponta, conforme assinala Maffesoli (1979), para uma sociologia compreensiva, que requer uma ruptura com o positivismo dominante e totalitário, e gera pesquisas sobre a cotidianidade, cujas trivialidades promovem investigações distintas e complementares. Para isso, é necessário um desapego de toda postura paradigmática, pois estas constituem vieses que impedem de vislumbrar a cotidianidade do ciberespaço como uma fonte profusa de estudos.

Desde o Telos da migração paradigmática, o pesquisador deve manter-se em movimento, adotando uma postura reflexiva e aberta. A reflexividade garante que o indivíduo esteja consciente dos paradigmas existentes e suas possibilidades, enquanto a abertura impede o apego a uma forma determinada de pensar, pois dificulta a chegada de outros paradigmas e a edificação de estruturas de pensamento próprias, que constituem alternativas paradigmáticas ao existente. Em termos investigativos, trata-se de manter-se em movimento, consciente da realidade paradigmática sem recair no apego, afiliação ou estabelecimento de uma zona de conforto, que se restringe a uma estrutura gnoseológica, metodológica e até mesmo teleológica específica que conduz a um desenvolvimento linear e sequencial, prejudicando diversas possibilidades de proporcionar liberdade ao pensamento.

Nesse contexto, a liberdade de pensamento obedece a um estado de mudança e consciência, pois para saber se o homem é livre, deve estar consciente das posturas que impedem tal condição. No fazer investigativo, alguns pesquisadores como Balza (2020), estabelecem que a liberdade de pensamento de um pesquisador deve levar a um estado de desobediência paradigmática, uma irreverência epistemológica para se distanciar da hegemonia do pensamento único, pertencente à racionalidade científica.

Essas situações permitem ao pesquisador estar consciente dos paradigmas instrumentais associados à matemática, física e informática que constituem as bases estruturais do ciberespaço.

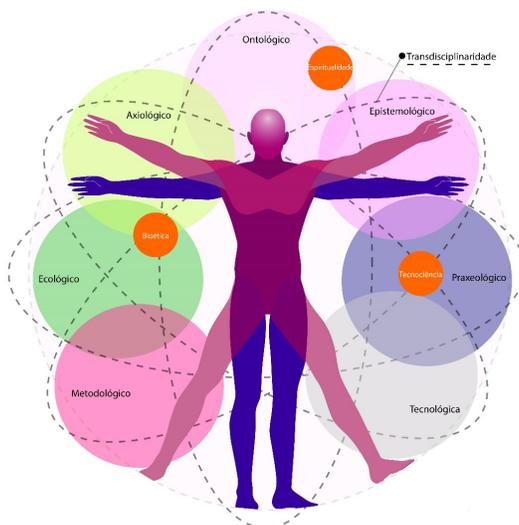


Mas como aponta Martínez (2015), esses paradigmas não podem ser utilizados ou concebidos como parâmetros das Ciências da Vida. Não se trata de negar o valor disciplinar que possuem, mas de sublinhar sua dimensão não exaustiva na pesquisa humana. Portanto, o estado de consciência permite ao pesquisador reconhecer a existência de diversas posturas, estruturas e formas paradigmáticas, e evita um distanciamento dessas, tudo isso para que o pesquisador, em seu processo de pensamento e compreensão da realidade, edifique suas próprias coordenadas gnoseológicas e identifique uma lógica divergente aliada ao processo heurístico, ou seja, uma expressão abduativa que implique uma alternativa frente à linearidade e sequencialidade dos processos e envolva formas alternativas para desenvolver pesquisas.

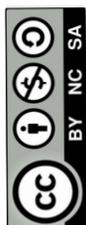
O que foi descrito possibilita o desenvolvimento de pesquisas a partir da incerteza para adentrar em territórios desconhecidos e explorar novos matizes em relação ao ciberespaço, que não se limitem às suas bases estruturais e possibilitem óticas diferentes de investigação. Para isso, o estado de consciência do indivíduo, que faz parte da migração paradigmática, deve se situar em um exercício transdisciplinar, como uma forma de ampliar sua consciência fenomênica por meio da complementaridade e recursividade entre disciplinas. Nesse sentido, Balza (2010) indica que a perspectiva transdisciplinar permite ao pesquisador pensar e reproduzir a vida do homem e da sociedade, desde dentro e além do domínio das disciplinas. O exposto afirma a necessidade de novos olhares caleidoscópicos para visualizar a realidade, o que permite a presença de reinterpretações para responder ao emergente.

Um exemplo dessas novas reinterpretações reside no Estado da Arte emergente, cunhado por Campos e Hernández (2021), uma expressão que permite se aproximar de cenários cujas relações interconectadas são mutáveis, complexas, paradoxais, ambíguas e incertas, exigindo outras formas de gerar ciência, que por sua vez promovam outra visão do ser.

Figura 1  
*Estado da Arte Emergente*



Nota: Campos e Hernández (2021).



Conforme apontado por Campos e Hernández (2021), a transcomplexidade conduz a uma nova visão do ser, na qual o estado da Arte Tradicional se revela insuficiente para abarcar a totalidade das relações que sustentam o cotidiano. A migração paradigmática, como exposto, é sinônimo de movimentos reflexivos, abertos e contínuos, entre diferentes posturas epistêmicas de explicação, compreensão e crítica. O estado da arte emergente é uma expressão de liberdade e consciência que permite ao indivíduo adentrar na incerteza e, no seu processo de exploração, compreender novas interações a partir de uma lógica dialética, que responde à nebulosidade que caracteriza a contemporaneidade.

Consequentemente, ocorre um deslocamento transepistêmico, descrito por Balza (2019), como um modo de pensar e compreender a realidade a partir de novos itinerários gnoseológicos, com a intenção de transcender o dilema dos métodos e adentrar no desconhecido. Dessa forma, conforme aponta a Figura 1, os construtos emergentes requerem lógicas divergentes que propiciem uma dinâmica gestáltica em busca de novos significados.

Desse modo, novos caminhos são traçados, que no caso do ciberespaço objeto deste escrito, levam o pesquisador a um movimento sem limitações, realizando um salto significativo do humanismo em direção a um neorrenascimento, sem ser impedido pelas carências, limitações e insuficiências persistentes nas posturas epistêmicas convencionais.

O ontológico, a partir do ciberespaço, implica assumir a convergência entre presencialidade, virtualidade e digitalidade, o que supõe a integração e interação entre três expressões ontológicas que repercutem, em diferentes níveis, no ser. O ontológico se desapega da presencialidade clássica e reafirma a necessidade de migrar paradigmaticamente para observar as relações disciplinares que coexistem e são vitais nas novas dinâmicas sociais, permitindo assim observar os diferentes paradigmas fundadores que ali têm vida, orientando diferentes pontos de vista compartilhados.

Desde esta perspectiva, o epistêmico corresponde, segundo Balza (2019), a uma cosmovisão do mundo, enquanto episteme emergente que brota para oferecer múltiplas possibilidades de reentender ou resignificar a realidade, tanto objetiva como abstrata, e permitir o surgimento de novas lógicas superiores. Por outro lado, o praxeológico deve ser entendido como um olhar para diversos aspectos associados à ação da humanidade para agir e se transformar de forma individual e coletiva. Nessa ordem de ideias, a praxeologia assume uma hibridação entre a praxis, a poiesis e a conduta do ser. É uma forma, segundo Bédard (2003), de refletir sobre o acontecer, a ação das pessoas a partir de uma perspectiva disciplinar. É um substrato fenomênico que dota o ser de uma experiência que reconhece o particular, o individual e o contingente, dotando o ser de sensibilidade.

Dessa maneira, a praxeologia, nas palavras de Bédard (2003), é uma forma de observar a parte sensível do iceberg, ou seja, aquelas exemplificações do homem que são visíveis pelos sentidos. Ela se diferencia da Ontologia, pois busca evidenciar os aspectos conjunturais e momentâneos em um determinado espaço-tempo. Enquanto o ontológico sugere a compreensão dos fun-



damentos sobre a realidade, implicando um contexto profundo onde as ideias têm suas raízes e são complexas de penetrar, pois não contempla apenas o mundo natural, mas também admite as disposições do tecido societal. Em palavras de Hernández (2024), trata-se de inserir novas variáveis que proporcionem outras posturas para exercitar a inovação e o impacto social. O que se busca é que além de exercitar a pesquisa a partir de uma profundidade filosófica, possa desenvolver um olhar crítico sobre cada uma das dimensões e associá-las a processos, entre outros questionamentos que possam incitar outras lógicas crítico-construtivas. No caso do ciberespaço, trata-se de uma análise sobre como a digitalidade influencia na praxis humana e como esta, por sua vez, molda as dinâmicas do ciberespaço. Explorar a dimensão praxeológica ajudaria a vislumbrar outras formas de interação, colaboração e criação de conhecimento nesse cenário emergente.

O tecnológico surge como uma dimensão emergente, pois não se limita a uma expressão instrumental do ser humano, ela representa uma forma de pensamento que integra múltiplos paradigmas, manifestando-se em todos os níveis do homem como instrumento e forma de pensamento. Além disso, fornece novos cenários ontológicos, pelos quais a humanidade se desenvolve, reafirmando o estudo do ciberespaço não apenas em termos teóricos, mas também práticos, permitindo analisar sua influência sobre a natureza e o tecido societal. É uma percepção para estudar a relação homem-tecnologia-realidade, refletindo sobre como os avanços tecnológicos, aplicações, plataformas e ferramentas inovadoras moldam as possibilidades de pesquisa, com ênfase nos eventos individuais e coletivos que envolvem o indivíduo.

Abordar o método, segundo a percepção de Hernández e Campos (2021), não é enfatizar o uso do método, pois isso limita a capacidade do autor na busca de novas manifestações ontoepistêmicas. A metodologia centra-se em reconhecer a necessidade de traçar um percurso livre de um método preestabelecido, permitindo que o pesquisador analise todas as possibilidades existentes sobre uma realidade investigativa; além disso, é uma forma de desdibujar as classificações metodológicas existentes, permitindo outras expressões para construir a pesquisa. Tais abordagens afirmam que o ciberespaço é um cenário emergente para sustentar a liberdade paradigmática, pois esta garante um deslocamento carente de método inicial, explorando possibilidades e selecionando aquelas que contribuem na construção de novas vias para acessar e gerir a arte da criação intelectual. Para isso, é crucial um desenvolvimento reflexivo. Aqui, o pesquisador, como parte do despertar gestáltico que supõe a transcomplexidade, reflete em um continuum sob um ciclo indutivo, dedutivo, abduutivo e intuitivo, resultando este último em um impulso para mergulhar no incerto.

Nesse sentido, a visão heurística sustenta que, no processo de exploração e adentramento na incerteza, o método deve ser concebido a partir de uma postura transmetódica, que possibilite a integração de vários métodos de pesquisa, valendo-se da reflexão hermenêutica, ou seja, uma lógica dialética e criativa, caracterizada por posicionar o pesquisador no desconhecido por meio de uma interação dialógica entre o recursivo e o argumentativo. Essa dialógica recursiva é uma forma de obter um discurso caleidoscópico, ou seja, multirreferencial, que demonstra a complexidade e inter-relações existentes entre o aparentemente compatível ou oposto.



No entanto, esse tipo de deslocamento pode levar a diversas encruzilhadas, resultantes das relações com as quais o indivíduo pode se deparar, o que pode levar a um labirinto caleidoscópico. Nesse sentido, é relevante refletir sobre a dimensão axiológica e ecológica, perspectivas obrigatórias devido à profundidade das relações situadas no emergente. A axiologia implica reconhecer a importância dos valores e como eles permeiam a relação pesquisador- Por último, a dimensão ecológica, que busca estudar desde uma postura descritiva, evolutiva e funcional, a relação entre seres vivos e seu entorno. É uma forma de responder à crise ecossistêmica atual e visualizar o impacto das pesquisas a partir de uma posição sustentável e incorporar no pesquisador uma visão ecosófica. No caso do ciberespaço, permite refletir sobre como o seu desenvolvimento tem afetado a dinâmica ambiental, devido à profundidade e impacto de suas estruturas, observando-se relações para além do societal que interferem no natural, produto das profundas redes tecnocientíficas e algorítmicas que cobrem o planeta.

A interação de todas estas dimensões permite a troca e resignificação disciplinar, por meio de um mapeamento epistêmico que pode redesenhar a atuação investigativa, favorecendo a presença de conceitos, posturas e abordagens que reafirmam a presença da transdisciplinaridade, beneficiando o intercâmbio, a confrontação e a complementaridade entre diversos atores sociais, modelos epistêmicos e interpretações holoidéticas, tudo isso com a intenção de transcender ao discurso linear e sustentar um tecido profundo, reflexivo mas não conclusivo, sendo um gatilho para novas perspectivas teóricas consideradas emergentes. Nas palavras de Deroncelle et al. (2021), é incentivar no ciberespaço como um campo relacional emergente um exercício reflexivo que transcenda ao discurso acadêmico e promova uma lógica sócio-produtiva com capacidade de fornecer respostas e inovar a sociedade a partir do emergente.

O exposto permite, no estudo do ciberespaço, construir um fio harmônico que permita abordar desde a reflexão hermenêutica, a presencialidade, virtualidade e digitalidade. Para isso, é conveniente o uso de nodos problematizadores, ou seja, pontos de reflexão que considerem o acaso, a incerteza e a contingência como formas de aprofundar a construção teórica e apresentar um discurso emergente, reflexivo e inconcluso que exponha uma realidade em constante construção. É aí que a pesquisa sobre o ciberespaço deve ser abordada a partir de relações emergentes que coloquem em detrimento o pensamento fictício mencionado por Zemelman (2021), que mantém consequências de ordem prática, uma vez que a pesquisa deve ser um eixo catalisador para construir sobre a realidade imediata, com atenção ao momento epocal, gerando uma interação entre teoria e realidade, evitando pesquisas que promovam percepções artificiais, ou seja, desconectadas, carentes de toda reflexividade em relação à realidade e suas singularidades. O importante é visualizar os novos cenários de pesquisa a partir de múltiplas perspectivas, incentivando uma nova geração de produções que, de diversas vistas, sejam pertinentes às necessidades do contexto epocal.

### A título de Encerramento

O ciberespaço é um conceito inconcluso, em constante metamorfose, através da migração paradigmática, configurando-se como uma cosmovisão integradora e em crescimento que, a



partir da virtualidade, continuamente acopla posturas paradigmáticas em sua tentativa de re-presentar a presencialidade e impactar a realidade em todos os seus níveis a partir de uma cultura baseada na digitalidade, onde a conectividade, interatividade e imediatez fazem parte do cotidiano.

Essa profunda cosmovisão, apesar de reconhecer a existência de paradigmas convencionais que garantem seu funcionamento e expansão, possui um caráter multidimensional que, sob uma visão transparadigmática, viabiliza atividades de pesquisa que rompem com a cartografia investigativa clássica, aludindo a estruturas gnoseológicas, metodológicas e teleológicas que enviesam o pensamento do pesquisador e não permitem a exploração de todos os aspectos contemplados pela realidade digital, reafirmando a linearidade e causalidade clássica do positivismo.

Essa irrupção se afirma na importância da migração paradigmática que, do ponto de vista do pesquisador, simboliza a oportunidade de gerar um estado de consciência que permite um desenvolvimento transepistêmico, transdisciplinar, transmetódico imerso na transcomplexidade. Em outras palavras, promove um pesquisador que reconhece os paradigmas e posturas epistêmicas existentes, afastando-se delas para traçar sua própria estrutura gnoseológica, metodológica e teleológica, afirmando sua liberdade e/ou desapego paradigmático. Nessa ordem, através do emergente, fornece uma resignificação do estado da arte e incorpora outras dimensões que implicam uma revisão na pesquisa para compreender as relações emergentes que caracterizam o cotidiano, onde os esquemas tradicionais são insuficientes.

O que foi descrito é uma janela para novas percepções, e até mesmo outras dimensões que levam a um estado da arte aberto e flexível, capaz de reafirmar a presença de conceitos, posturas e abordagens imersos em um entrelaçamento transcomplexo, o que permite, de acordo com o desenvolvimento do pesquisador, compreender outras relações e abordagens convergentes. Isso requer o reconhecimento da importância da ética, dos valores e da sustentabilidade na construção desses novos tecidos, que podem ampliar a visão e o alcance do homem em relação à realidade fenomênica e suas possibilidades.

A resignificação de cada uma dessas dimensões sustenta um exercício dinâmico, reflexivo e intuitivo que fornece diferentes perspectivas para evidenciar, compreender e criticar, conforme o caso, as relações emergentes entre referências, posturas epistêmicas e indivíduos. O transmetódico, como já mencionado, desconsidera o uso inicial de um método, sugerindo uma espiral hermenêutica recursiva e reflexiva que sustenta a complementaridade e o diálogo no processo. O que foi descrito aponta para uma narrativa consciente e inconclusa que estimula perspectivas emergentes para vislumbrar a realidade.

A ideia é propiciar uma lógica superior e dissidente ao estabelecido, que leve a uma verdadeira liberdade, para além das barreiras paradigmáticas tradicionais existentes, e evite que o pesquisador caia em estruturas pseudolivres que, no final das contas, ocultam uma carga teleológica e metodológica entre sombras, que guiam o pesquisador e promovem um falso sentimento de inovação e divergência, resultando em um discurso novo para o pesquisador,



mas conhecido no plano cartográfico da pesquisa. Consequentemente, a transcomplexidade sustenta uma visão que permite estar consciente sobre as coordenadas de pesquisa existentes e estruturas envolvidas, que, através do desapego paradigmático, propicia um caminho diferente que transborda das cartografias conhecidas. O ciberespaço, ao se tratar de uma cosmovisão, na medida em que se expande sobre a certeza segura e manejável, gera um lado oculto e incerto, que, a partir da audácia da pesquisa, pode erguer narrativas corajosas, rebeldes e audazes, construindo sobre o escuro do cosmos, lançando luzes no multiverso paradigmático em constante movimento e expansão.

## Referências

Balza, A. (2010). *Educación, Investigación y Aprendizaje. Una hermenéutica del Pensamiento Complejo y Transdisciplinario*. Asociación de Profesores Universidad Pedagógica Experimental Simón Rodríguez (APUNESR).

Balza, A. (2019). Del Reduccionismo de la materia a la transcomplejidad del espíritu. En Villegas et Al (Comp), *Disquisiciones acerca de la investigación y la espiritualidad*. (pp 22-32) Editorial: Fondo Editorial Red de Investigadores de la transcomplejidad. <https://es.calameo.com/read/004347457208d6877aeda>

Balza, A. (2019). *Investigación social y desobediencia paradigmática. Un desafío transcomplejo para el docente del siglo XXI*. Editorial Académica Española, Mauritius.

Bédard, R. (2003). Los fundamentos del pensamiento y las prácticas administrativas. El rombo y las cuatro dimensiones filosóficas. *Revista AD MINISTER*, Num 3 Jun-Dic Universidad EAFIT.

Campos, M. y Hernández, G. (2021). *El estado del arte emergente. Un sendero desde la transcomplejidad*. Ediciones Metropolitan International University.

Campos, M. y Hernández, G. (2022). La ética y la estética. Un sustrato clave en la investigación emergente en el marco de la tecnociencia. *Aportes. Revista Internacional de Estudios Abiertos, Independientes y Alternativos*, 2(1), pp. 1-14

Deroncele, A. Á., Gross, T. R. y Medina, Z. P. (2021). El mapeo epistémico: herramienta esencial en la práctica investigativa. *Revista Universidad y Sociedad*, 13(3), 172-188. <https://acortar.link/PWtNtL>

Hernández, G (2020). La Migración Digital Tansparadigmática. Un sendero integrador del hombre en su camino al ciberespacio. En Schavino, N (Ed), *Conjunción Transparadigmática. Serie Visiones Transparadigmática* (, pp 94-106). Editorial: Fondo Editorial Red de Investigadores de la transcomplejidad. <https://es.calameo.com/read/00463414456782000f7b7>

Hernández, G. (2024). Comunidades de Investigación e Investigación Doctoral. Una resignifi-



cación Cultural desde la Universidad Nacional Experimental "Simón Rodríguez". *Revista R-Egresar*. Numero 7 enero-abril.

Maffesoli (1979). *La conquête du présent: Pour une sociologie de la vie quotidienne*. Editor: Presses universitaires de France

Martínez, M. (2015). *La Epistemología y Metodología cualitativa en las ciencias sociales*. Editorial Trillas.

Morin, E (1995). *Introducción al Pensamiento complejo*. Editorial Gedisa.

Negroponte, N (1995). *El mundo digital*. Ediciones B, S.A.

Pérez, A. (2011). *Servicio Comunitario. Teoría y Práctica*. Fondo Editorial de la Universidad Pedagógica Experimental Libertador (FEDUPEL).

Shamoo, A. y Resnik, D. (2009). *Responsible conduct of research*. Oxford: Oxford University Press

Toffler, A. (1980). *La Tercera Ola*. Ediciones Nacionales/Círculo de Lectores

Vilches, L. (2001). *La Migración digital*. Gedisa Editorial

Zemelman M. H. (2021). Pensar Teórico y Pensar Epistémico: los retos de las Ciencias Sociales latinoamericanas. *Espacio Abierto*, 30(3), 234-244. <https://produccioncientificaluz.org/index.php/espacio/article/view/36823>

